

Igualdade

© 2021 — Mariléa de Castro

IGUALDADE  
Ponte para a nova era  
Mariléa de Castro

Todos os direitos desta edição reservados à  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Fone: 19 3451-5440

www.edconhecimento.com.br

vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão, por escrito, do editor.

Projeto Gráfico: Sérgio Carvalho

Ilustração da Capa: Banco de imagens

ISBN 978-65-5727-093-6

1ª edição – 2021

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Dados Internacionais de Catalogação na  
Publicação (CIP)  
(Angélica Ilacqua CRB-8/7057)

---

Castro, Mariléa de

Igualdade: ponte para a nova era / Mariléa de Castro — Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2021.

290 p.

ISBN 978-65-5727-093-6

1. Literatura espírita 2. Justiça social 3. Utopia 4. Nova era 5. Socialista I. Título

21-1297

CDD 133.93

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura espírita

Mariléa de Castro

# IGUALDADE

PONTE PARA A NOVA ERA

1ª edição — 2021



Obras de Mariléa de Castro editadas pela **EDITORA DO CONHECIMENTO**

- Haiawatha: o mestre da raça vermelha
  - Igualdade: ponte para a nova era

### Coletâneas de textos

- Face a Face com Ramatís
- Um Jesus que Nunca Existiu
  - A Missão do Esperanto
- A Origem Oculta das Doenças
  - Do Átomo ao Arcanjo
    - O Apocalipse
  - Marte: O futuro da Terra
- O Além – Um guia de viagem
- Geografia do Mundo Astral
- O Homem Astral e Mental
  - O Carma
  - O Menino Jesus

A Mestre Ramatís, luz dos nossos caminhos no planeta Terra.

A Jean-Jacques Rousseau e Léon Tolstoi,  
inspiração permanente, infinita gratidão.

A todos os mártires da igualdade que mantiveram  
acesa a chama.

Aos que estão chegando para fazê-la brilhar, desta  
vez para sempre.



## Sumário

Apresentação .....	11
CAPÍTULO 1	
A Nova Era – Enfim .....	14
• Nossa realidade da velha era • O diagnóstico antes da cura	
CAPÍTULO 2	
Primórdios .....	22
• A comunidade cristã dos apóstolos • Os essênios • Os cristãos primitivos	
CAPÍTULO 3	
Mensagem: Os sonhadores da igualdade .....	28
CAPÍTULO 4	
Idade de trevas e pontos de luz.....	31
• Pela religião e pelo pão – as rebeliões medievais • Cátaros: Rencarnacionistas e Igualitários • Palavra de rei volta atrás: • A revolta dos camponeses na Inglaterra • Foram muitos	
CAPÍTULO 5	
Kardec antes de ser Kardec .....	44
• Os três grandes vultos • Kardec, num capítulo anterior • Os hussitas • Tabor – um sonho no alto da colina • As guerras hussitas	
CAPÍTULO 6	
Comunidades cristãs comunalistas: Huterittas .....	53
CAPÍTULO 7	
Utopia – o grande modelo .....	58
• Um homem para qualquer tempo • O livro • Uma visita à ilha feliz • As utopias	

CAPÍTULO 8	
Uma utopia moderna: <i>Daqui a Cem Anos</i> .....	74
• A história • Bellamy – evolucionista e reencarnacionista?	
CAPÍTULO 9	
Renasce o homem.....	81
CAPÍTULO 10	
A única sociedade igualitária da história.....	86
• O modelo social dos peles-vermelhas	
CAPÍTULO 11	
Uma utopia real – a república guarani.....	93
• O início • A vida nas reduções • O genocídio bandeirante e as migrações • Ocaso • Um legado	
CAPÍTULO 12	
Rousseau: uma inspiração.....	105
Século dezoito: o alvorecer da nova era • O iluminismo	
• Rousseau – um precursor	
CAPÍTULO 13	
Aquilo em nós que busca acabar com a desigualdade..	117
CAPÍTULO 14	
Imagine: os homens são iguais! A revolução francesa...	120
• A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (26/08/1789)	
• Igualdade, <i>ma non troppo</i> • Esquerda e Direita • Rumo à República	
CAPÍTULO 15	
A república dos iguais.....	134
• A constituição de 1793 • O povo • Os “iguais” • O clube do Panteon • A conspiração dos iguais • Babeuf reencarnacionista? • O desfecho • Igualdade ou morte? • O Manifesto dos Iguais	
CAPÍTULO 16	
Uma outra revolução: a revolução industrial.....	155
• A jornada de oito horas	
CAPÍTULO 17	
O socialismo utópico.....	165
• Socialismo – que bicho é esse? • Não é um palavrão, é um remédio • Os socialistas utópicos	



CAPÍTULO 18	
Robert Owen.....	174
• New Lanark • A escola pioneira de Owen • O socialista utópico • New Harmony – um novo mundo, mas velhas pessoas • Owen espírita? • Comunidades owenianas	
CAPÍTULO 19	
O cartismo.....	186
• Parece tão natural hoje	
CAPÍTULO 20	
O socialismo com barbas.....	189
• O bicho-papão é isso mesmo? • A doutrina marxista • A propriedade privada • Diagnóstico e remédio • A utopia de Marx	
CAPÍTULO 21	
O socialismo gradual: O fabianismo .....	203
• Evolução em vez de revolução • Espiritualistas e ativistas • Oliver Lodge	
CAPÍTULO 22	
Mensagem: uma só vida.....	212
CAPÍTULO 23	
A revolução russa.....	215
• A colheita é obrigatória • A curta passagem de Lenin • O lado escuro da força • E os outros “socialistas”? • Estratégia: demonizar o socialismo	
CAPÍTULO 24	
O dia seguinte .....	225
• Restos da lei da selva	
CAPÍTULO 25	
Kardec, os espíritos e a igualdade social.....	234
CAPÍTULO 26	
Política? Que coisa detestável.....	241
CAPÍTULO 27	
Mensagem: cristianismo e socialismo.....	247
CAPÍTULO 28	
Socialismo e espiritismo .....	250
• Léon Denis, o apóstolo • Os três espíritos amigos • Também no passado remoto? • Léon Denis e o socialismo	

CAPÍTULO 29

Um modelo para o futuro da terra..... 259

- Mas há vida no planeta Marte? • Mas onde está a civilização marciana? • Modelo social marciano • O trabalho industrial
- A estrutura econômica • Comércio • Governo • Resumindo
- A realização da utopia

CAPÍTULO 30

A terra do futuro ..... 270

- Dois testemunhos insuspeitos • Meios e fins • Os caminhos da igualdade • Para grandes males • E depois? • Exatamente como?

APÊNDICE

Como ajudar a chegada da nova era ..... 281

- O que ninguém lhe diz • A fome no mundo • A nova era vai ter isso?

BIBLIOGRAFIA ..... 289

## Apresentação

Anseio pela hora desse grande amanhã: a humanidade melhor!

Victor Hugo

O propósito deste livro, inspirado do início ao fim pelos Maiores da espiritualidade, é tentar ajustar o foco da visão de nossos irmãos espíritas e espiritualistas de todos os matizes para perceberem algo que tem ficado esquecido e abafado na vivência de todas as correntes espiritualistas: nossa responsabilidade social como aderentes a uma doutrina revolucionária – o cristianismo, que veio para *mudar o mundo*, não para acomodar-se com ele – assim como implícito em todas as doutrinas de origem oriental, evolucionistas.

Com a areia jogada em nossos olhos pela Igreja, nos esquecemos, séculos afora, de entender a mensagem silenciosa que deixou o Nazareno ao escolher as vestes simples de filho de um operário galileu e o povo mais humilde da Palestina como estorjo para conter sua mensagem libertadora. *A opção pelos pobres* não é uma criação do século XX – está na raiz mesma do cristianismo, num claro, claríssimo recado: cristianismo é sinônimo de um *novo* modelo, fundado na ética da *igualdade*. A vida dos primeiros cristãos e as declarações dos cristãos primitivos não deixam dúvidas. Era uma mutação social que se propunha – a clara consequência da nova mensagem.

Mas nós não a compreendemos.

Quando a Igreja, distorcendo a mensagem cristã e criando uma instituição rica e elitista, fez um acordo fatal com mamom e rendeu-se à desigualdade, entrou na ética do *mundo de César*, é que se anulou o impulso renovador da mensagem cristã e ela se tornou inóqua para mudar a sociedade, e portanto aceitável

para os poderes vigentes. Selou um acordo com os poderosos do mundo, que seguiu abençoando séculos afora.

A ética da fraternidade autêntica, aquela dos cristãos originais, perdeu-se nas acomodações de consciência que “cristãos” de todas as épocas fizeram para permanecer tranquilos com a miséria e a desigualdade – desde que, claro, *eles* estivessem no prato confortável da balança social, num mundo de privilegiados e despossuídos, ambos frequentando as mesmas igrejas aos domingos e ouvindo dos sacerdotes que Deus fez o mundo assim e só nos restava aceitá-lo sem contestar, e sonhar com a recompensa do paraíso. Foi conveniente e funcionou por quase dois milênios.

Foi quando desceu ao plano terrestre uma nova chance. O *cristianismo redutivo*, como o qualificaram os espíritas. Uma volta à simplicidade original daquelas palavras que ecoaram às margens do Tiberíades e nas colinas da Galileia. Nada mais de dogmas, sacramentos, hierarquias, mistérios: só a transparente verdade de “o meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros”. Ponto. Nada mais. A ética e a justiça cósmicas traduzidas em meia dúzia de princípios singelos.

Princípios, entretanto, que tomados ao pé da letra, não admitem contemporização com a velha ordem de coisas que se perpetua desde que deixamos a pedra lascada: a lei do mais forte. A desigualdade admitida, consentida, sancionada, abençoada pelas batinas e os púlpitos em todos os tempos da cristandade.

E no entanto os espíritos foram bem claros a Kardec: a desigualdade, filha do egoísmo, é um mal, e a opressão dos fracos pelos fortes, contrária à justiça divina; e é *missão dos homens encarnados*, além de diminuir o egoísmo em si próprios, **reformatar as instituições que o instigam e favorecem, eliminando os privilégios**. Não são conceitos subjetivos: são **declarações textuais** nas obras básicas da doutrina espírita.

O que fizemos com essas diretrizes?

A luta justa, pacífica e democrática pela reforma da sociedade – não só a caridade, mas o imperativo de acabar com o mal na sua origem, que é a desigualdade de um modelo social profundamente antifraterno e anticristão, onde ficou?

A reencarnação é o mecanismo igualitário por excelência.

Reis e mendigos, bilionários e operários, voltando ora num ora noutro disfarce. Ela aponta para a soberana igualdade que rege os seres criados dentro da justiça cósmica.

Eis-nos agora em pleno desenrolar da Transição Planetária. Em que direção irá seguir o mundo, com que valores vai ser reconstruída a sociedade terrestre, depois das grandes convulsões?

É legítimo e coerente com a ética cristã e espírita/espiritualista que adeptos dessas correntes continuem desconhecendo a responsabilidade social que elas implicam? Que deem apoio, por ação ou omissão, ao sistema vigente, que se pretende legítimo, indispensável e eterno – quando em realidade é nada mais que a materialização da lei do mais forte, o egoísmo multimilenar que infelicitiza a sociedade humana – uma herança obsoleta, ignorante e ineficaz para promover a felicidade coletiva?

Estas páginas representam uma contribuição dos Maiores da espiritualidade para repensarmos a questão. Pensamentos poderosos, lúcidos e que sabiam o que faziam, guiaram pesquisas, orientaram a seleção de temas, ditaram não apenas as mensagens assinadas constantes da obra, mas guiaram a mente e as palavras do imperfeito instrumento que os recepcionou, o tempo todo – cuja gratidão é infinita pela oportunidade.

Minha gratidão se estende ao fraterno companheirismo do amigo e editor Sérgio Carvalho, presença constante durante a escrita do livro, lendo os originais, debatendo, partilhando ideias, amparando com a energia positiva – apoio fundamental de uma amizade milenar grata ao meu espírito.

Assim como fundamental foi a lúcida contribuição do milenar amigo Sávio Mendonça, médium de Ramatís, com sua clareza de sensitivo, orientando na identificação dos amigos espirituais que inspiraram estas páginas e sancionando a escrita da obra, pelo que sou extremamente grata.

Paz a todos os seres!

Mariléa de Castro  
Páscoa de 2021

## Capítulo 1

# A Nova Era – Enfim

Que estamos, neste pequeno planeta azul, no limiar de uma transição radical – a mais extraordinária jamais experimentada por esta humanidade – não é novidade para qualquer espírita ou espiritualista. Nem o pretenso dilúvio de Noé foi tão radical. O que estamos começando a vivenciar não é o fim de um milênio ou uma era: é mais que isso. É o final de todo um *ciclo planetário*, que teve início há mais de 40 mil anos, com a chegada dos exilados mais numerosos de outros orbes.

Trata-se agora de um exame final de aproveitamento para os matriculados na Escola Terra. Deu para absorver pelo menos os conteúdos básicos da Lei Eterna – por exemplo: não matarás, não torturarás, não abusarás do teu próximo, não o enganarás em proveito próprio? Coisinhas assim. Adivinhe que percentual dos humanos planetários, tendo sido aprovada, poderá continuar nesta escola a ser promovida de nível (vide noticiários)?

Então vamos supor que seremos (sejamos otimistas), por hipótese, dos remanescentes. Herdamos um planeta expurgado das mais espessas energias astrais degradadas e das mentes com elas sintonizadas. E agora? Um bocado de caos está previsto, por ninguém menos que o Mestre Nazareno<sup>[1]</sup> (e mais todos os mentores, profetas e videntes sérios desta era). Vamos abstrair essa fase e pular para a seguinte: a reconstrução.

Pense.

Não vamos querer recomeçar tudo igual. (Até porque teríamos sido liminarmente reprovados). A Nova Era terá que

---

[1] Vide Mateus 24-25.

ser, e será, exatamente isso – NOVA.

Esqueça este modelo obsoleto, perverso, primitivo, de um planeta dividido em países separados com interesses auto-centrados, dedicados a passar a perna em quantos for necessário para garantir poder político e econômico. E pessoas, ou grupos delas, dedicados à mesma coisa – levar vantagem a qualquer preço. E sobretudo, o modelo da *desigualdade social*. O lucro, o poder pessoal, alimentados pelo egoísmo e o orgulho, motores básicos deste modelo condenado de sociedade, *exatamente* o que nos levou à necessidade de ela ser encerrada de forma radical e definitiva.

E agora? Que *princípios* irão nortear a nova estrutura social que nos caberá (insisto, o “nós” é por hipótese) reconstruir?

Poderão ser os da ética cristã/hinduista/budista/judaica/etc? Já serviria, parece, considerando que até agora, em nenhum momento da trajetória humana, qualquer comunidade conseguiu implementar a essência (abstraia dogmas e rituais) nuclear de todas elas, que é o princípio simples do “amar o próximo como a si mesmo e fazer-lhe tudo o que gostaríamos que nos fizesse”. Ponto. Nada mais que isso.

Vamos traduzir para um princípio socialmente abrangente: poderia ser *liberdade, igualdade, fraternidade?* (também distante, até agora, das práticas de nossa sociedade, embora lindamente engastado nas constituições e códigos).

A fraternidade não precisa de comentários, sendo, como é, matéria integrante da prova final a que estamos sendo submetidos (em nível básico, claro, senão o planeta ficaria despovoado). Fica excluído liminarmente o pacote ódio-violência-agressão.<sup>[2]</sup> (Será transplantado para mundos cavernícolas, junto com os inditosos repetentes).

A liberdade – ah, a liberdade...! Espelho da lei cósmica, o livre-arbítrio sagrado a que os seres humanos têm direito... Como não haverá praticamente, no pessoal da nova Terra, tendências solertes de abuso, códigos simples e concisos delimitarão a interação da liberdade individual e coletiva, do cidadão e do bem-estar da coletividade.

---

[2] Armas de qualquer espécie – pequenas, médias e grandes – e mecanismos agressivos, prisões e similares, forças armadas, nada disso se perpetuará. (Período de transição pode ser necessário, mas sem violência individual ou institucional).

Sim, o COLETIVO – eis para onde se voltarão prioritariamente todas as atitudes, normas e regras sociais. O velho egoísmo multimilenar terá que ser transcendido, e a ninguém será permitido colocar o interesse pessoal acima do bem-estar de seus concidadãos. Se alguém, levado pelo velho hábito, o tentar, será contido (primeiro por olhares escandalizados, imagina-se, encabulando tanto o infeliz que nem terá vontade de repetir), tanto pela pressão social como por leis justas, simples e diretas. Mas acima de tudo, pela *vontade da maioria* – uma maioria que não estará disposta a recomeçar o vale-tudo e não o admitirá sob qualquer rótulo (“Lembra no que deu” etc.).

E enfim, corolário desse princípio do *coletivo*, a joia da coroa – a IGUALDADE. Essa que será o grande diferencial, o substrato dessa construção social nova, que há de finalmente nos tirar da vizinhança da caverna e nos inserir na comunidade dos planetas civilizados, que atualmente nos miram com espanto e piedade, tão primitivas são nossas estruturas sociais. Nada mais distante que elas do ideal de fraternidade gerado pelo cristianismo.

## Nossa realidade da velha era

Imagine um ET – qualquer um, de Marte para cima – assistindo a um documentário intitulado “A sociedade do planeta Terra”.

Panorâmica de uma grande cidade ocidental: prédios bonitos, parques; bairros de classe alta com lindas casas, gramados e ruas arborizadas, gente bem vestida e crianças saudáveis e sorridentes; até os cães são lindos. Quando o desavisado ET começava a sorrir, o narrador em *off* avisa: “Essas pessoas, chamadas ricas, constituem um por cento – 1% – da população da Terra”.

Enquanto ele se recobra do susto, corta para uma favela do Rio, depois para o Haiti, a Índia e a África central: casebres, gente vestida simplesmente, sujeira, miséria, inanição refletida no olhar, doença, tristeza. O narrador continua: “Quase METADE da população da Terra é de pobres: 3,4 bilhões”. E o petrificado ET escuta: “O um por cento – 1% – de ricos do mundo possui o DOBRO da riqueza de TODOS os 6,9 bilhões restantes”.

Corta para a mansão de um xeique do petróleo, depois



para a do dono de uma empresa do Vale do Silício, e enfim para as de dois fabricantes de armas, um americano e outro russo: piscinas azuis, flores, seguranças, coleções de arte etc. E a voz informa: “Os 2.153 bilionários do planeta (sim, só esses) detêm mais riqueza que 60% da população da Terra – 4,6 bilhões de seus semelhantes”.

O ET é pessoa muito equilibrada, por isso não desmaia quando o narrador informa, enquanto mostra um grupo de bilionários jantando num iate, seguido de um *close* de uma mulher da República do Congo, catando grãos numa plantação ressecada, ao lado de três crianças esqueléticas: “A desigualdade é grande também entre homens e mulheres de todas as classes. Os 22 homens mais ricos do mundo possuem A MESMA riqueza que TODAS as mulheres da África – cerca de 650 milhões delas”.

Sem contemplação com os sentimentos do ET, a imagem agora é um plano geral sobre uma grande indústria de um país do Terceiro Mundo. Três *closes* rápidos: primeiro dos operários na linha de montagem; depois do gerente geral, em seu escritório refrigerado; e por fim do presidente (dono) da empresa. Corta para o ônibus lotado onde um dos operários volta para casa depois de uma hora viajando; emenda com o gerente saindo em seu carro também refrigerado; e finaliza com o presidente em seu jatinho, viajando para uma ilha do Pacífico. Nova sequência: a casa aonde chega o operário: comunidade pobre, sem rede de esgoto, sem calçamento, uma escola precária e o jantar escasso com a mulher e filhos; a seguir o bairro bonito onde o gerente busca os filhos numa escola particular e leva para um apartamento de cobertura onde a cozinheira lhes prepara o jantar; por último, o presidente, que não faz nada, janta no ar o menu gourmet de um cozinheiro tailandês. Antes que o estarrecido ET pergunte (em pensamento), em *off* ouve-se um diálogo. Alguém pergunta: “– Por que motivo esse homem vive assim enquanto os outros são tão diferentes? É alguma espécie de punição? Será ele um condenado por crimes graves? – Não, responde o interlocutor. Ele simplesmente não tem meios para outra coisa. Ele trabalha as mesmas oito horas que o gerente, mas ganha exatamente 30 vezes menos. – TRINTA? Espanta-se a primeira

voz. – Sim, e o que ganha mal dá para se alimentarem, ele e a família. O gerente ganha 30 vezes mais e pode ter quase tudo que deseja. Já o dono da empresa, não precisa mais trabalhar. – *Não????!!* (O ET arregala os olhos. No seu mundo, isso seria impensável e detestável). – Não. Os operários trabalham para ele. Ele coloca seu dinheiro num mecanismo chamado mercado financeiro, que é uma espécie de chocadeira, onde quem tem dinheiro ganha mais dinheiro sem fazer força alguma, e quem tem muito ganha ainda muito mais. Ele já tem mais dinheiro do que poderia gastar em 20 encarnações. – Então por que deseja mais? – Porque o faz se sentir mais poderoso e melhor que os operários e o gerente. – Mas esses operários, serão pessoas com menor intelecto, são menos inteligentes? – Não, de maneira nenhuma, pode ser até o contrário. Apenas não tiveram chance de uma formação. – Então quem sabe o dono e o gerente são pessoas melhores, mais nobres e mais dignas? – Também não. Às vezes é o oposto. – Então por que a sociedade desse planeta permite que seja assim? Os seus instrutores espirituais não lhes ensinaram a justiça?”

Antes de qualquer resposta, corta para a imagem de uma colina baixa, onde grande grupo de pessoas cerca um homem de túnica clara, em cujo olhar, no *close* a seguir, o ET reconhece grande sabedoria e igual amor. Esse homem falava às pessoas, e dizia: “Olhai os lírios do campo, como eles crescem; eles não tecem nem fiam: e eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda sua glória, se vestiu como qualquer deles. Olhai as aves do céu, que não semeiam nem colhem nem ajuntam em celeiros – e vosso Pai Celestial as alimenta. Não andeis pois cuidadosos quanto a vossa vida, pelo que haveis de comer e pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais que o alimento, e o corpo mais do que a veste?” E a seguir outro *close* do mesmo homem sereno, noutra cena, que encerrava uma fala dizendo: “Tudo o que fizestes ao menor de meus irmãos, a mim o fizestes”. E não foi preciso dizer ao ET que esse tinha sido o maior dos Instrutores daquele pequeno planeta azul.

## O diagnóstico antes da cura

Deixemos de lado a filosofia discursiva, a psicanálise e a literatura. Vamos nos centrar nos sintomas – começando com

os piores. O paciente é o corpo social deste pequeno planeta. O que nos apresenta ele?

Guerras. Seis milhões e meio de mortos nos oito maiores conflitos no mundo, que ainda continuam, alguns desde a década de 1990.<sup>[3]</sup>

Tortura. Mais de 150 países – ou três quartos do mundo – torturam. De forma sistemática, a tortura é aplicada em mais de 70 países, segundo a Anistia Internacional. Só na guerra da Síria, 88.000 pessoas morreram de torturas nas prisões do estado.

Fome. 820 milhões de pessoas passam fome no mundo. Enquanto isso, há 672 milhões de adultos obesos. Fome e pobreza são sinônimos, e suas raízes se encontram na desigualdade social, e na ganância que alimenta *animais* com os grãos que deveriam alimentar seres humanos.<sup>[4]</sup>

Drogas. Em decorrência do nosso estado de desumanidade e falta de sentido para a vida, 317 milhões de pessoas, segundo relatório de 2020 da ONU, usaram drogas. Em 2017 registrou-se 585.000 mortes pelo consumo. Nos EUA, o consumo de opioides já tem dimensões de epidemia. Foram 70.237 mortes por overdose em 2017 (imagine hoje).

Suicídio. Cerca de 800.000 pessoas *por ano* cometem suicídio – o que dá uma a cada 40 segundos. Mais de metade tem menos de 45 anos. Na faixa de 15 a 24 anos, é a segunda principal causa de morte. Isso é assustador. Por que nossos jovens não veem sentido para a vida, não se importam em permanecer num mundo como este?

Devastação do planeta. Não é preciso detalhar. Basta olhar ao redor e os noticiários de todo dia. Ganância e incons-

---

[3] Dados disponíveis de 2019: SIRIA: 470.000 mortos, 5,6 milhões de refugiados. Infraestrutura destruída. 88.000 mortos sob tortura nas prisões do estado. AFGANISTÃO: 147.000 mortes. Atentados frequentes. IÊMEN: 60.900 mortes. Pior crise humanitária do mundo: 8,4 milhões de pessoas vivendo sob fome extrema – 80% da população. IRAQUE: 180.000 mortes. ISRAEL-PALESTINA: 8.000 mortes. Conflitos frequentes. Não há sinal de paz. NIGÉRIA: 57.900 mortos. SOMÁLIA: 450.000 mortos. Crise humanitária: 800.000 pessoas passam fome. REP. DEMOCRÁTICA DO CONGO: 5,4 milhões de mortos. 450.000 refugiados. De janeiro a junho de 2020, 91 crianças foram chacinadas e 27 mutiladas (considerado crime contra a humanidade).

[4] 75% de toda a terra agricultável do planeta é usada para produzir alimento para o gado ou ocupada por ele. Um terço de todos os grãos do mundo vira ração animal. Nos EUA, 80% dos grãos produzidos vira ração; no Brasil, 44%. Sem isso poderia não haver mais fome alguma no mundo.

ciência fazem um coquetel mortífero – para nós.<sup>[5]</sup> Só a poluição do petróleo e derivados, o que causa, quando podíamos estar usando totalmente energias limpas – e *grátis* (aí, e só aí, reside a questão).

Desigualdade de renda. Em 2014, já era assim:

A desigualdade mundial contrasta países cuja renda média por habitante é da ordem de 150-250 euros por mês (África Subsaariana e Índia) com países onde a renda média por habitante alcança um patamar entre 2.500-3.000 euros por mês (Europa Ocidental, América do Norte, Japão) – ou seja, onde as pessoas ganham vinte vezes mais.<sup>[6]</sup>

É claro que a América Latina está no primeiro grupo...

Traduzindo: os que não são mortos por guerras e atentados, ou são pobres e passam fome e são infelizes, ou são não-pobres e tão infelizes, que precisam drogar-se para suportar a vida, ou simplesmente a abandonam. (Ou, também, chafurdam em comida ou consumo desenfreados como alternativa).

Na raiz de tudo, a doença básica pode se resumir em duas palavras: *desumanidade e desigualdade*. Ou seja: esta humanidade está infectada por algo muito pior que o coronavírus: o bacilo do egoísmo (Nenhuma novidade). Talvez o impacto de ser confrontada com a perspectiva da destruição seja o único choque capaz de ativar as defesas espirituais chamadas solidariedade e igualdade.

Os que conseguirem permanecer e reencarnar no planeta depois disso, terão pela frente a árdua tarefa de reconstruir uma sociedade em *novas bases*. Para tanto, só há uma vacina possível para defender o corpo social de nova infecção pelo espectro patogênico da Velha Era: buscar formas de viver, modelos de comunidades, que sejam *igualitários e fraternos*, não permitindo que os germes do orgulho e do egoísmo milenares se insinuem novamente. Será preciso forçosamente instaurar um novo modelo de sociedade. O que temos já comprovou ser

[5] Pense só nos pesticidas das lavouras. Um cidadão que colocasse veneno de ação lenta na comida de um vizinho seria condenado por homicídio. Um cidadão que coloca veneno de ação lenta na comida de milhares – é o quê? E os que aprovam leis autorizando isso, o que são? (E os que aceitam e comem tais coisas e as dão a seus filhos – são o quê?)

[6] PIKETTY, Thomas. *O capital no século XXI*. RJ, Intrínseca, 2014.